

“Aprendi a não julgar um livro pela capa”

Michael Miley, baterista dos “Rival Sons” descobriu a Deus graças a um amigo guitarrista. A partir daí procura ser melhor pai, melhor esposo, melhor amigo e, claro, tocar bateria sempre com o olhar posto no Céu.

27/05/2024

Para saber como ativar legendas em português, [clique aqui](#).

Como começou o teu interesse pela bateria?

Cresci numa casa de músicos, os meus pais e a minha irmã mais velha tocavam guitarra; lá em casa estavam sempre a tocar música. A minha infância teve basicamente todo o tempo um *soundtrack*, senti-me atraído pelos ritmos e pelos tambores desde muito pequeno.

Quando tinha quatro anos o meu pai ensinou-me a tocar um ritmo muito simples, basicamente, o ritmo *jeally bean* (chamamo-lo assim pelo Michael Jackson). É algo muito simples, mas o meu pai dizia que este é o padrão de referência de todos os ritmos de bateria. Depois tive a minha primeira bateria aos nove anos e, logo que comecei a ter aulas, juntei-me à banda de *jazz* na escola e

depois, na universidade, tirei uma licenciatura em música.

Quando me converti era protestante cristão, sem denominação. Cheguei a Cristo em janeiro de 2009. Tinha feito uma aposta com o Raul Ukareda na Estónia – ele é supranumerário do Opus Dei – e disse-me que tinha lido um artigo sobre os Rival Sons em que se dizia que eu era cristão. Disse-me “*eu também sou cristão*”, então apertámos as mãos, identificámo-nos nesse instante, e a seguir perguntei-lhe “*A que igreja vais?*”, e disse-me “*sou católico*”. Ri-me, mas a partir daí iniciei uma busca para lhe demonstrar que estava enganado.

Passadas duas semanas, era eu é que estava a receber catequese para me batizar como católico na Páscoa da Ressurreição seguinte. Não gastei muito tempo a descobrir a plenitude da verdade. Em resumo, esta é a minha conversão, mas começou

quando me fiz amigo de um católico, que é guitarrista... também um dos melhores guitarristas.

Como harmonizas o facto de seres católico e estares numa banda de rock?

Bom, no meu processo de catequese, estive com um sacerdote do Opus Dei e comecei a fazer perguntas, não só sobre o catolicismo, mas também sobre o Opus Dei. Comecei a ler – e ainda leio – Caminho, para ter inspiração diária. Os ensinamentos de Josemaria disseram-me muito, essas frases tão simples e pequenas animaram-me a desejar fazer melhor o meu trabalho.

A seguir, descobri o *plano de vida*, quer dizer, organizar o meu dia como cristão. Mesmo antes de ser católico, pensava “Ok, estou salvo, o Senhor é o meu salvador pessoal, e agora o que faço?”. Já tinha lido a Bíblia memorizando versículos,

todos somos pecadores, mas, ainda assim, estava a ter uma vida que não queria continuar a viver. Estava a “atuar” como cristão, mas não estava a “ser” cristão. E assim o plano de vida ajudou-me a organizar o meu dia para que pudesse continuar a meter “combustível no carro”.

Estar numa banda de *rock* é muito exigente, há muitas tentações, há muita gente à volta. 99% do negócio é não católico, mesmo não cristão, alguns anticristãos e também anticitólicos. É, portanto, um ambiente difícil, por isso se deve ter “combustível suficiente” e seguir um plano de vida. Só assim se pode fazer amizade com Deus numa banda de *rock*, indo em digressão com horários diferentes todos os dias, mudando de cidade, procurando onde ir à Missa, lembrar-me de telefonar para casa para falar com a minha esposa...

Como vê, são muitos desafios, mas o plano de vida ajuda a manter-me são mentalmente e ligado à realidade, porque quando se reza, isso é real, quando se vai à Missa, apercebemo-nos do que nesta vida vale realmente a pena. Só com a cabeça no Céu se pode ter verdadeiramente os pés na terra.

Como te pões na presença de Deus antes de um concerto e como te manténs na Sua presença durante o concerto?

Tendo uma constância, um compromisso diário, para que não me esqueça quando chegue ao dia do concerto e esteja quase a subir ao palco, pensar “Oh! sim, Deus existe e amo-O...”.

Quanto mais constante for em tratá-l’O no dia-a-dia – enquanto lavo a louça, quando conduzo ou estou com os amigos – mais fácil é lembrarmo-

nos d'Ele num concerto diante de 46.000 pessoas.

Antes de subir ao palco rezo, afasto-me um pouco dos outros, para uma zona onde possa estar em paz, rezo a alguns santos, aos mesmos todos os dias, para ter o meu pequeno exército ao meu lado. Assim estou "armado e perigoso" quando vou para o palco. Tenho um crucifixo na minha mesa de bateria, onde ponho a toalha e a garrafa de água e a lista de canções que iremos tocar. Se assistirem a um concerto dos Rival Sons e me virem a olhar para cima, não só estou a ver o teto, mas é a minha maneira física de O recordar, do mesmo modo que quando olho para o meu crucifixo.

As pessoas costumam ligar o *heavy metal* com Satã e com o diabólico, o metal é algo diabólico na realidade?

Isso é muito geral, há muitas bandas de *heavy metal*; primeiro deveríamos definir o que é o *heavy metal*; eu diria que Black Sabbath, com quem estamos em digressão à volta do mundo, Ozzy Osborn e outros foram os criadores do *heavy metal*, mas em particular a sua música é sobre temas espirituais. Se se lerem as letras das suas canções apercebem-nos de que estão do lado "dos bons". Eles querem lutar contra o mal, quando falam dos demónios e de Satanás não estão a dizer "yeii, vamos para a festa com o demónio" o que estão a dizer é "tirem-no daqui".

Alguns que tocam *heavy metal*, *sim*, se são satânicos, não o nego, mas creio que nem todo o *heavy metal* é mau, é uma forma de arte. Eu não compro discos de *heavy metal*, ouço *jazz* e música clássica.

Eu vivo de fazer música, mas às vezes chego a casa e a última coisa

que quero é ligar o rádio, pelo menos durante uma semana quero silêncio.

Há uma percepção errónea do que é o *heavy metal*, é rebelião, é cabelos compridos, é fazer tatuagens, alguns vestem-se de negro... Seria muito fácil poder colocar as pessoas numa única categoria. Mas eu diria que é semelhante à Igreja: a nossa Igreja é católica e universal, mas temos pessoas de todo o mundo, todo o tipo de pessoas.

Na minha segunda Páscoa estava fora de casa, estava em digressão e na Sexta-feira Santa fui às cerimónias e as pessoas aproximavam-se para beijar a cruz, estava em Inglaterra e aí apercebi-me que a Igreja é universal, porque havia tanta variedade de pessoas e estilos, e de todas as partes do mundo, e creio que isso é uma das coisas mais magníficas do Corpo de Cristo, que seja tão universal.

Michael, estás a usar uma *t-shirt* com o rosto de João Paulo II; que papel tem João Paulo II na tua vida?

Comprei-a quando tinha 30 anos sem saber quem era na realidade; mas a verdade é que gosto muito desta *t-shirt*. Penso que usar isto é muito mais *rock and roll* do que usar uma *t-shirt* de *Led Zepelin* ou algo assim.

Quando os não crentes vêm o Papa ficam um pouco baralhados e pensam “oh, agora temos que atuar de certa maneira” ou “ele vai-me dizer que irei para o inferno...”, e coisas do género, mas há três anos que sou católico e ainda estou a aprender que a fé é enorme.

Aprender sobre os santos, a vida de cada santo, os escritos dos santos, a influência que teve um santo na vida de outro e mais de dois mil anos de história do catolicismo, isso é uma loucura.

Comecei a ler comentários sobre *Amor e responsabilidade, Teologia do corpo*, e isto ajudou-me a ser melhor esposo, um melhor amigo para a minha mulher. João Paulo II e os seus escritos, não creio que nenhum de nós se apercebe de quão profundo ele era, penso que poderíamos passar séculos a estudá-lo e não nos aperceberíamos. Gosto muito dele e no ano passado, no dia da Virgem de Guadalupe vi um documentário de quando João Paulo II foi ao México e chorei, porque era muito emocionante ver como se aproximava dos mexicanos e como milhões de mexicanos se aproximavam dele.

Depois, antes de ir a um churrasco com os meus amigos para celebrar Nossa Senhora de Guadalupe, senti-me um pouco triste, porque antes não sabia quem ele era, nunca tinha

conhecido a sua grandeza até àquele momento.

Das digressões que fizeste à volta do mundo, qual é a experiência que mais te marcou?

A não julgar um livro pela capa. Nas minhas viagens conheci gente muito boa, católica e não católica, e, às vezes, o nosso primeiro instinto é rejeitar, digo-o porque me cabe vivê-lo na primeira pessoa. Quando vou à Missa, muita gente fica a olhar para mim por causa das tatuagens e eu procuro simplesmente dar mais atenção ao que se está a passar à minha frente; às vezes por respeito aos outros e para que não se distraiam vou de mangas compridas.

Necessitamos de nos amarmos uns aos outros, porque todo o nosso apostolado é sobre isso, amar o próximo.

E se tivesse que dar um conselho aos homens é que sejam fortes, que sejam bons pais e bons esposos, e que estejam próximo dos filhos. Creio que há muita ausência da figura paterna nas famílias de todo o mundo. Nos Estados Unidos, muitos dos homens que estão na cadeia é porque o pai não interagia com eles. Uma das minhas grandes paixões é falar com homens de como ser homem a sério, sei isto por experiência, até fazer 40 anos não sabia como era ser homem. Se os jovens se apercebessem disto antes, o mundo seria um lugar melhor. Os homens a sério rezam o terço.

Mais informação

- O que é ser cooperador do Opus Dei?
- Folheto explicativo sobre os cooperadores do Opus Dei.
- Histórias de cooperadores.

.....

*Artigo publicado originalmente em
fevereiro de 2017*

.....

pdf | Documento gerado
automaticamente a partir de [https://
opusdei.org/pt-pt/article/baterista-rivals/](https://opusdei.org/pt-pt/article/baterista-rivals/) (12/01/2026)